A matéria prima do artesanato como marca da cultura regional: Um olhar folkcomunicacional sobre as peças artesanais da região dos Campos Gerais do Paraná

Karina Janz WOITOWICZ[1]
Eduardo GODOY[2]

Resumo:
Observar os materiais utilizados para produção de peças artesanais como elementos que caracterizam a cultura regional. Esta é a proposta do presente trabalho, que aciona o referencial teórico da folkcomunicação para identificar as marcas culturais próprias do artesanato utilitário e decorativo da região dos Campos Gerais do Paraná. O uso da palha do milho, do pinhão e de sementes, bem como a presença de símbolos como o pinheiro, a gralha azul e a taça de Vila Velha, figuram neste cenário como formas de demarcar a cultura regional, servindo de base para a confecção de peças artesanais. Com base neste objeto, pretende-se analisar a presença de símbolos e elementos regionais do artesanato como parte de um processo informal de configuração da cultura popular e construção de identidades.

Palavras-chave: artesanato; cultura regional; folkcomunicação; arte popular; identidade.

Considerações Iniciais

Ao longo deste artigo, serão realizadas algumas reflexões sobre artesanato e cultura regional, de modo a observar a capacidade da produção folclórica de refletir elementos da cultura popular e de projetar identidades. A partir de imagens de peças artesanais reunidas em Ponta Grossa e outras cidades da região dos Campos Gerais, comercializadas na Casa do Artesão, em Ponta Grossa (PR), busca-se analisar a matéria-prima utilizada pelos artesãos como um modo de expressar as marcas culturais presentes no imaginário social.

Para tanto, parte-se da perspectiva da folkcomunicação, que analisa os processos informais de comunicação, para observar as características próprias do artesanato

[1] Jornalista, professsora Dra. do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), coordenadora do Centro Folkcom de Pesquisa da UEPG. E-mail: karinajw@hotmail.com
[2] Estudante do 2º ano de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, integrante do Centro Folkcom de Pesquisa – UEPG; e-mail: dujgodoy@hotmail.com

regional, que lhe conferem autenticidade ao mesmo tempo em que revelam o repertório cultural de um grupo, marcado pelo compartilhamento de saberes e valores culturais.

As peças artesanais serão aqui analisadas com base em duas perspectivas: o uso de matéria-prima característica da região dos Campos Gerais, em que se destaca o artesanato em palha de milho, pinhão e sementes; e representações simbólicas presentes nos objetos, em que aparecem referências ao pinheiro, à gralha azul, à taça de Vila Velha, às pombinhas que deram origem a Ponta Grossa, entre outras imagens que apresentam conteúdo identitário de caráter regional, remetendo à história, aos hábitos e às tradições que configuram a cultura popular.

Desse modo, com base em um olhar folkcomunicacional voltado à identificação das marcas culturais presentes no artesanato, entendido como uma forma de comunicação popular, busca-se descrever os objetos de artesanato e revelar a sua representatividade social e o seu valor cultural para a região dos Campos Gerais do Paraná.

Artesanato, cultura regional e construção de identidades

Para Luiz Beltrão, a cultura popular é definida por expressões que nascem espontaneamente do povo e que transmitem informação e opinião através de mecanismos informais. A noção de cultura desenvolvida pelo autor tem como referência o folclore e as manifestações populares, que são vistas como algo dinâmico. A cultura popular é, portanto, um campo que traduz o conhecimento das classes subalternas, incorporando as dinâmicas da vida social. [3]

Com base neste aspecto, a folkcomunicação valoriza os diferentes modos através dos quais os grupos sociais se relacionam e produzem a cultura, expressando valores, hábitos, crenças e modos de vida por meio do folclore. [4] Para Luis da Câmara Cascudo,

[3] A abordagem realizada por Beltrão sobre o folclore permite contemplar a possibilidade de re-significar a cultura e de criar meios próprios de expressão dos grupos marginalizados, partindo da idéia de que os movimentos populares e grupos sociais são capazes de reproduzir ou contestar estereótipos e hierarquias da cultura dominante.

[4] Nos estudos de Beltrão, valoriza-se a capacidade de expressar os modos de viver e pensar do povo, como se pode observar nos registros do autor no livro *Comunicação e Folclore* (1971) sobre a informação oral (cantadores, caixeiro-viajante, chofer de caminhão), a informação escrita (folhetos, almanaques, livros de sorte, literatura de cordel) e outros veículos de folkcomunicação, como a religiosidade popular, as festas e danças populares (carnaval, mamulengo, bumba-meu-boi, queima do Judas, entre outras).

o folclore "compreende técnicas e processos utilitários que se valorizam numa ampliação emocional, além do ângulo do funcionamento racional. [...] Qualquer objeto que projete interesse humano, além de sua finalidade imediata, material e lógica, é folclórico" (2005, p. 18-19).

Neste sentido, compreende-se o artesanato como uma produção cultural de caráter folclórico que traduz uma concepção de mundo ao representar elementos do cotidiano e da cultura popular. As peças são parte do repertório de um grupo, agregando aos produtos valor cultural em forma de arte popular.

A respeito desta arte, Clarival Valadares, no artigo "Arte de formação e arte de informação", publicado originalmente na Revista Brasileira de Cultura (n. 4, abril/junho de 1970, p. 09-25), destaca como características próprias das manifestações populares o consumo restrito à comunidade e a representatividade interna. A partir da experiência e contato com o acervo do artista João Duarte da Silva, especializado em ex-votos, Valadares analisa a genialidade da arte popular.

> [...] a genialidade da arte popular, representada pelo artista autêntico a que chamamos impropriamente de primitivo, ingênuo ou *naif*, somente poderá ser determinada através dos objetos dotados de qualidade artística que se motivam da emocionalidade própria da comunidade e que se destinam ao consumo limitado no meio de origem. (VALADARES, 1971, p. 11)

O autor, ao diferenciar a arte erudita (a que denomina 'arte de informação') da arte popular (intitulada 'arte de formação'), observa que esta se restringe cada vez mais ao produto folclórico (1971, p. 23). Como elementos que procuram caracterizar um estilo à arte popular – ainda que, conforme o autor, não garantam autenticidade –, pode-se destacar a paisagem local, a tipologia étnica, bem como detalhes e objetos de ambiente. Contudo, este modo de conceber a arte popular, restringindo-a ao seu meio de origem, corre o risco de recair em classificações que não abrem espaço para as dinâmicas das manifestações culturais, em seus variados estilos, apropriações local/global e mesmo consumo irrestrito.

Por isso, no presente artigo, estamos concebendo artesanato como arte popular, de modo a reconhecer o valor artístico destas produções e evitar uma distinção entre

fazer artístico (arte erudita) e fazer artesanal, que implica em uma interpretação por vezes elitista e discriminatória destes processos de criação. É o que aponta Ricardo Gomes Lima, pesquisador do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Iphan/MinC, ao se contrapor à oposição 'erudito x popular' e 'fazer x saber' que costuma caracterizar os debates sobre arte e cultura.

> Esse discurso, resultante de uma postura elitista, deve ser abandonado em prol de uma análise da realidade social mais justa que incorpore as representações daqueles que, sob denominação de artistas populares ou artesãos, a par de serem reconhecidos como portadores de um saber de grande significado cultural refletido em suas criações, sejam também reconhecidos como integrantes de realidades históricas concretas, sobre as quais agem, reagem e refletem. (s/d, p. 06)

Lima chama a atenção para o conteúdo simbólico do artesanato, que lhe confere também valor artístico. É neste sentido que o artesanato que expressa a sua origem e representa a sua cultura é capaz de traduzir uma identidade. "O artesanato não é mera mercadoria e traz, embutido em si, valores, crenças, culturas" (2005, p. 03).

Sebastião Breguez (2007) analisa o artesanato a partir da sua capacidade de expressar arte, técnica e comunicação. Nas palavras do autor,

> O artesanato é expressão folkcomunicacional do artista plástico popular que não só molda seus objetos com materiais dos mais criativos que encontra ao seu redor. Ele também expressa simbolicamente em suas formas ideias e sentimentos, modos de pensar, sentir e agir do seu grupo social e de sua época. (2007, p. 102)

Com base nestas reflexões sobre o artesanato como uma expressão folkcomunicacional, entende-se que ele é capaz de representar uma cultura e projetar identidades. É neste sentido que se pretende, nos limites deste trabalho, observar algumas marcas que acionam elementos regionais na produção artesanal, contribuindo para o reconhecimento e para a afirmação de uma relação identitária.

Entende-se que o local/regional é caracterizado a partir de uma tradição cujo papel é a conservação de uma identidade. Ou seja, são elementos próprios de uma determinada cultura – como referências históricas, lendas e materiais que identificam os valores e hábitos locais – que revelam especificidades capazes de caracterizar uma

noção de pertencimento. Desta abordagem resulta a relação da cultura com os processos de identificação, conforme observa Maria Erica de Oliveira (2010).

> As culturas são feitas de práticas e de crenças educativas, religiosas, alimentares, artísticas, lúdicas. Elas concernem às regras de organização da família, do parentesco e dos grupos políticos. As práticas e crenças estão ligadas ao corpo e à mente, e precisam de tempo para transmiti-las. A cultura é identificadora. (2010, p. 47)

Ao investigar a mídia regional na perspectiva da indústria fonográfica, a mesma autora discute o poder de nomear e de criar um território, através do discurso do cotidiano, atribuído às produções de caráter regional. Trata-se, em outros termos, de estabelecer uma identificação (noção de 'nós') por meio da representação.

> A antropologia nos mostrou a importância de fronteira para a representação das noções de "nós" e de "outros". Do mesmo modo, o "próximo" em comunicação/jornalismo é também a representação que o meio faz do seu território e, consequentemente, dos destinatários das suas mensagens. (2010, p. 210)

A identidade regional, na análise de Oliveira, procura pensar os lugares, os territórios de onde nasce cada cultura, e a partir daí, manifesta-se (2010, p. 50). Este processo, no contexto da folkcomunicação, leva em conta as identidades, características e necessidades presentes na cultura popular.

Nas páginas que seguem, busca-se observar os elementos de caráter regional que identificam o artesanato dos Campos Gerais, destacando a representatividade da história, da tradição e dos hábitos de um povo por meio da matéria-prima e dos símbolos usados nas peças. A identidade regional apresenta-se, assim, a partir do processo informal de produção de mensagens e de representações da realidade desenvolvido pelos artesãos.

Cultura regional na matéria-prima do artesanato

Uma importante marca do artesanato produzido na região dos Campos Gerais diz respeito à matéria-prima das peças, em que se destacam elementos típicos da vegetação e dos hábitos alimentares que caracterizam o lugar. Objetos utilitários e

decorativos feitos com pinhão, sementes, porunga e palha de milho figuram neste universo de produção cultural como traços identitários que conferem autenticidade ao artesanato.

Sobre o trabalho do artesão e a escolha dos materiais utilizados para a criação das peças, Sebastião Breguez observa:

> O artesão é quem domina a técnica manual de criar objetos de uso freqüente na comunidade onde vive, sem equipamento industrial repetitivo, com uso de material disponível que pode ser extraído da natureza (metal, madeira, argila, etc) ou retalhos, sucata, refugo industrial, sobra aproveitável. (2007, p. 99)

O autor classifica o artesanato, com base no trabalho de Saul Martins (1973), a partir dos seguintes tipos: artesanato de sobrevivência; artesanato de objetos utilitários; artesanato das conchas; artesanato de fundo de quintal; artesanato do dia-a-dia; artesanato de aproveitamento; artesanato de vanguarda (BREGUEZ, 2007, p. 101-102).

Nas peças que compõem o material empírico deste trabalho, observa-se tanto a presença do artesanato de objetos utilitários (baú, porta-chaves, porta-retrato) quanto do artesanato de vanguarda (em que o artista busca se aperfeiçoar na criatividade e na qualidade plástica de seus objetos), desenvolvendo peças decorativas.

As peças artesanais que mais caracterizam este artesanato decorativo de caráter regional são as artes em palha, utilizadas tanto na produção de flores de enfeite quanto em objetos minuciosamente elaborados para representar figuras religiosas (presépio, anjos, etc), elementos da natureza (pássaros, flores, etc), entre outras variações.



Imagem 1 – Presépio feito com palha de milho, pinhão e madeira (dos autores)



Imagem 2 – Casal de pássaros produzidos com palha de milho, flores e espiga (dos autores)

O processo de produção artesanal em palha de milho exige o cumprimento de diversas etapas, que vão da preparação da matéria-prima aos recursos usados para dar forma aos objetos, de diversos tamanhos e características. Primeiro, lava-se a palha de milho em água corrente. A palha úmida passa por um processo de pré-cozimento, para deixá-la maleável e facilitar o manuseio. Depois de descansar por cerca de dois dias, umedece-se novamente e começa a fase mais minuciosa, enrolando-a para formatar os corpos dos objetos. Em volta deles, outros elementos se incorporam para caracterizá-los.

Nos pássaros, por exemplo, as asas são produzidas com a própria palha e coladas; os bicos são feitos com ponta de palito de dente e os olhos com um pingo de tinta preta.

O fruto da araucária, árvore tradicional do Paraná e da região Sul do país, também aparece como uma importante matéria-prima do artesanato dos Campos Gerais, sendo utilizada basicamente sua casca para a produção de objetos decorativos e utilitários. Devido à sua cor marrom escura, o fruto é usado como revestimento de peças de madeira, desenvolvendo uma textura e um efeito plástico que, ao lado da representatividade do produto na cultura regional, asseguram o valor artístico das peças.



Imagem 3 – Relógio revestido de pinhão, fruto da araucária (dos autores)



Imagem 4 – Pequenos pássaros de palha de milho e flores são colocados dentro do pinhão e colados em imãs, servindo de objeto decorativo (dos autores)

Outros elementos extraídos da natureza, como a porunga, a madeira e tipos de sementes, são transformados em arte pelo trabalho dos artesãos. A forma dos objetos remete aos mais variados usos, servindo como representações de casas, ninhos de pássaro, animais, entre outras variações. Interessante observar que os cenários e objetos representados remetem ao universo rural e às características de uma cultura “do interior”, com elementos bucólicos.



Imagem 5 – Porunga cortada serve de cenário para representar a fauna e flora regional (dos autores)



Imagem 6 – Fogueira usada pelos tropeiros e pinhão, feitos com o fruto e pequenos pedaços de madeira (dos autores)

Símbolos regionais: traços identitários e registros de memória

A partir das peças artesanais observadas, pode-se destacar como características do artesanato o trabalho manual, a identificação com a cultura e a presença de elementos que simbolizam a história e a memória de um lugar ou grupo social. Segundo Ricardo Lima,

> O objeto artesanal é definido por uma dupla condição: primeiro, o fato de que seu processo de produção é em essência manual. São as mãos que executam basicamente todo o trabalho. Segundo: a liberdade do artesão para definir o ritmo da produção, a matéria-prima e a tecnologia que irá empregar, a forma que pretende dar ao objeto, produto de sua criação, de seu saber, de sua cultura. (Ricardo Lima, 2005, p. 02)

O artesanato, portanto, para além de assumir características próprias do artesão (definidas pelo uso de determinada matéria-prima, pelo ritmo de produção e pelo tipo de

trabalho desenvolvido), remete a um universo simbólico que apresenta dimensões coletivas. A história e a memória, como traços que configuram o pertencimento a uma identidade cultural, são acionadas e representadas através das peças artesanais.

Este aspecto pode ser observado no artesanato da região dos Campos Gerais do Paraná, que costuma utilizar elementos extraídos das lendas e do imaginário social como inspiração para a produção de objetos. A imagem do pinheiro (araucária), representando a paisagem regional; da gralha azul, simbolizando a cultura paranaense através do seu papel no plantio do pinheiro; da taça de Vila Velha, remetendo à lenda indígena que dá origem à "cidade de pedra" existente em Ponta Grossa; e dos pombos, que explicam o início da cidade ao indicarem o local em que foi construída a primeira igreja em Ponta Grossa, são exemplos do modo como a produção artesanal articula saberes populares que legitimam a sua expressividade como um produto folclórico.

As imagens que seguem ilustram a presença desta simbologia, ligada à história, à cultura e à memória regional, no trabalho dos artesãos.



Imagem 7 – Lenda das pombinhas de Ponta Grossa é representada no artesanato (dos autores)

Segundo a lenda, uma discussão foi gerada pelos fazendeiros da região dos Campos Gerais do Paraná para definir qual seria o local da sede da nova povoação. Para resolver o problema, um casal de pombinhas com uma fita vermelha amarrada nos pés foi solto pelos fazendeiros e onde elas pousassem, seria erguida uma capela. As pombinhas voaram até a colina mais alta e pousaram em uma cruz, ao lado de uma

figueira. Sendo assim, os fazendeiros construíram a capela em devoção a Sant'Anna e o povoado cresceu em volta do local.



Imagem 8 – Gralha azul é o pássaro símbolo do estado do Paraná (dos autores)

Reza a lenda que a Gralha Azul é a protetora dos pinheirais do Paraná. Certa manhã, a ave acordou com o barulho do lenhador cortando sua morada. Ela então voou em direção ao céu. De lá, escutou uma voz que dizia para ela voltar à araucária. O pássaro não ligou e continuou voando mais alto ainda. Novamente, a voz pedia para ela retornar ao pinheiral e prometeu que lhe pintaria de azul, igual ao céu. Ela então olhou para si e viu que tinha se transformado em uma ave azul, apenas com a cabeça preta, única parte do corpo que ela não conseguia ver. A partir daí, a Gralha Azul passou a ser a guardiã do pinheiro-do-Paraná, responsável por perpetuar a árvore.



Imagem 9 – Itacueretaba, ou Vila Velha, é representada pela palha de milho (dos autores)

Um precioso tesouro era guardado em Itacueretaba (antigo nome de Vila Velha), ou "cidade extinta de pedra", sob proteção de Tupã e vigiado pelos apiabas – índios guerreiros selecionados entre os melhores de cada tribo. Se o tesouro fosse descoberto, Tupã não mais protegeria seu povo e lhe lançaria desgraças. O índio Dhui foi escolhido para ser o chefe dos apiabas, porém, não queria o cargo, já que os guerreiros não podiam ter contato com mulheres. Sabendo disso, as tribos rivais enviaram a bela Aracê Poranga para seduzi-lo e descobrir o segredo do tesouro. A índia conseguiu fazer com que Dhui a amasse. Entretanto, quando ia completar a traição em uma tarde da primavera embebedando-o com uma taça de Uirucuri (licor de butiás), Aracê viu-se apaixonada pelo guerreiro e decidiu tomar o licor junto com o amado, e os dois se amaram à sombra de um ipê. Tupã descobriu a traição e provocou um horrível terremoto na região, fazendo surgirem as pedras de Vila Velha, com a imagem da Taça separando os dois amantes. Com o abalo, um buraco foi aberto no chão, criando Furnas. O preciso tesouro foi derretido e seu líquido deu origem à Lagoa Dourada. Ainda segundo a lenda, as pessoas mais sensíveis conseguem ouvir, quando passam pela Taça de Vila Velha os últimos sussurros de Aracê Poranga: Xê pocê o quê (que significa 'dormirei contigo').

Ao preservar estas lendas e tradições regionais – lenda de Vila Velha, gralha azul e pombinhas de Ponta Grossa -, as peças artesanais constituem veículos de

comunicação informal, que projetam uma memória coletiva ao mesmo tempo em que imprimem uma forma singular de representar a arte regional.

Considerações Finais

O artesanato, enquanto uma forma de arte popular, não costuma ganhar muita visibilidade e reconhecimento social. Nos locais em que se comercializa o artesanato, a exemplo do que se observou na realização deste trabalho, são comuns os lamentos sobre a falta de reconhecimento e a pouca valorização do trabalho artesanal, que fazem com que esta produção permaneça quase invisível. No entanto, na região dos Campos Gerais do Paraná, observou-se a riqueza e a criatividade expressas no uso dos mais diversos materiais para produzir artesanato, projetando identidades regionais por meio de obras de artesãos que expressam suas mensagens em linguagem popular.

Nas palavras de Ariano Suassuna, no artigo transcrito de "A arte popular no Brasil", publicado originalmente na Revista Brasileira de Cultura (n. 2, outubro/dezembro de 1969, p. 37 a 43), destacam-se as seguintes considerações sobre a arte popular, objeto de diversos tipos de discriminação:

> A arte popular brasileira existe. E não apenas isto: é vigorosa e autêntica, como provam, entre outras manifestações, as xilogravuras populares do Nordeste. [...] Aqui, são criadas essas discriminações contra grandes artistas e escritores que, somente por não terem tido formação universitária ou informações e participação sobre as "conquistas da civilização industrial", ficaram como que estigmatizados e relegados a posições secundárias. (SUASSUNA, 1971, p. 37-38)

As peças artesanais observadas neste trabalho revelam a autenticidade da arte popular, que se revela tanto no uso de materiais que fazem parte do cotidiano da região dos Campos Gerais (tais como sementes, palha, madeira, etc) como nas representações da história e da cultura local que se revela nos símbolos e nas imagens presentes nas peças. Mesmo sem o reconhecimento público a respeito da sua obra, o artista popular contribui para o registro e a preservação do patrimônio imaterial de uma cidade e região.

Desse modo, enquanto expressões folkcomunicacionais, os trabalhos artesanais remetem a um universo da cultura regional que traduz as marcas de um povo, com suas tradições, lendas e hábitos. Ao observar a representatividade sócio-cultural do artesanato, busca-se valorizar os modos informais de transmissão de mensagem por meio da cultura popular.

Referências bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

_____. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. *Comunicação e folclore*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BREGUEZ, Sebastião. "Artesanato popular". In: GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (org.). *Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões.* Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Edição miniatura. Natal: Global Editora, 2005.

LIMA, Ricardo Gomes. *Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda?* Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf. Acesso em abril de 2011. s/d

_____. *Artesanato: Cinco pontos para discussão.* IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2005. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_5_Pontos/CNFCP_Artesanato_Gomes_Lima.pdf. Acesso em abril de 2011.

MELO, José Marques de (et. al.). *Folkcomunicação*. Série Comunicações. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, USP, 1971.

_____. *Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação*. São Paulo: Paulus, 2008.

OLIVEIRA, Maria Erica de. *Mídia regional: indústria, mercado e cultura*. Natal: EDUFRN, 2010.

SUASSUNA, Ariano. A arte popular no Brasil. In: MELO, José Marques de (et. al.). *Folkcomunicação.* Série Comunicações. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, USP, 1971.

VALADARES, Clarival de Prado. Arte de formação e arte de informação. In: MELO, José Marques de (et. al.). *Folkcomunicação*. Série Comunicações. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, USP, 1971.